

PROVA ESCRITA DO CONCURSO À DOCÊNCIA LIVRE DE «ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS CIDADES».

CANDIDATO: JOSÉ ACÁCIO FERREIRA

A CIDADE. ESTRUTURA FÍSICA E ESTRUTURA SOCIAL INTERDEPENDÊNCIA E UNIDADE ORGÂNICA. A CIDADE-ESTADO E A CIDADE COMUNIDADE URBANA, INTEGRANTE DO ESTADO MODERNO.

— I —

A cidade é antes e acima de tudo um fenômeno cultural. Não obstante os múltiplos fatores que lhe condicionam e sustentam, ela representa sempre a organização social e o tipo cultural de uma época. A posição local e a posição geográfica, determinantes quantas vezes da origem e desenvolvimento das cidades, transformam-se de acôrdo com o gráu de progresso técnico e os ideais e valores da ordem social dominante. Fite-mos Recife. Recordemos um pouco a sua história. E o exemplo surge incontrastável — o pôrto praticamente relegado pelos portuguezes que viram em Olinda as condições topográficas que o seu nível tecnicológico poderia fazer progredir e ao seu relativo atrazo comercial satisfazer, mudou de importância nas mãos dos holandezes, técnica e socialmente mais avançados, na vanguarda do capitalismo comercial e por isso mesmo emprestando um novo valor social, econômico, estratégico, em suma cultural, ao pôrto. Josué de Castro, que apresentou como tésé para concurso na Faculdade Nacional de Filosofia, um estudo sôbre a cidade do Recife, numa grata homenagem de filho ilustre, afirma que não poderia haver alternativa na escolha dos invasôres, quer pela semelhança da paisagem, quer pelo valor do pôrto no seio da cultura que como agentes êles conduziam, quer pelas possibilidades de transformação da natureza subjugando-a aos interesses, conforme permitia o estágio de evolução técnica em que se encontravam.

Por um mecanismo que geralmente escapa á consciência dos contemporâneos, a cidade reflete os valores e ideais da época, espelhando em qualquer tempo a interdependência e unidade orgânica da estrutura social, como a demonstrar a crítica injusta que se faz aos construtores do passado, quando se pretende que rompessem os limites do período histórico-social em que viveram, realizando proezas, ainda não alcançadas em nossa época.

Analizemos as cidades dos diferentes marcos históricos. Focalizemos as cidades medievais, as barrôcas, as do século XIX e as da nossa época e veremos até em detalhes, em aspectos aparentemente livres de quaisquer interdependência e ligação com a ordem social, aquela mesma unidade orgânica da estrutura física e da social como a proclamar aos urbanistas a impossibilidade de qualquer planejamento sem que se desça a fundo na alma da cidade, na cultura e nos meandros da organização social que ela cristaliza.

Façamos assim, um passeio através da história, demonstrando aqui e ali a unidade daqueles aspectos. Situemos a cidade medieval no foco da nossa atenção. Destaquemos os traços principais em sua cultura e a íntima relação com a estrutura física.

Inicialmente sejamos também porta-vos da mensagem de reabilitação da cidade na Idade Média, tão caluniada pelos chamados "Romances Góticos", sem dúvida um dos principais responsáveis pela falsa ideia que durante séculos embotou o senso crítico dos próprios historiadores. Salientemos também o sentido funcional da cidade medieval seguindo a trilha dos maiores estudiosos do assunto, de Grossa Lavedan e, sobretudo, no rastro de Mumford, pesquisador excepcional.

A cidade medieval cercada por muralhas, desenvolveu um localismo altamente criador, não obstante o relativo insulamento em que vivia. A muralha protetora que em outra época foi um empecilho ao desenvolvimento econômico-social, naquele período permitiu a evolução de uma ordem social perfeitamente á vontade dentro dos seus limites. E mais do que isso,

a muralha parecia reproduzir-se em variados aspectos da vida social. O sentido de proteção que a muralha representava, repetia-se no sistema das relações humanas, no predomínio do espírito corporativo.

Na cidade medieval, da mesma forma que a vida se tornava perigosíssima fora da muralha, desde quando nenhuma segurança poder-se-ia oferecer, na vida social o indivíduo que não pertencesse a uma associação, mesmo que fosse a um bando de salteadores, como afirma Pastor, teria reduzidas possibilidades de realizar seus objetivos.

A Igreja e a corporação de ofício eram as duas associações básicas da vida medieval. Viver fora delas era não somente difícil, mas perigoso. Essa dominação da igreja porém, refletiu-se claramente no traçado da cidade. Conforme Mumford, no clássico "*A Cultura das Cidades*", a posição central da Igreja, cuja sombra derramava-se por sobre as casas mais próximas como a demonstrar o seu papel protetor; cujas torres poderiam ser vistas de qualquer ponto da urbe; cuja localização atraía todos às ruas, é um significativo exemplo dessa conexão orgânica entre a estrutura social e estrutura física. Mas, não somente a posição da igreja. Também a posição do mercado. O mercado local crescido á sombra do monastério, que lhe dá proteção, reflete na paisagem física a mesma hierarquia. A praça do mercado estende-se ao lado ou por traz da igreja, aproveitando-se da aglomeração que tem lugar em frente da matriz. As próprias casas comerciais copiam o estilo do interior das catedrais e o ritual destas é ostensivamente influente.

Sociedade de economia autárquica, sem ter ainda atingido um alto grau de especialização de funções, esse estado de coisas vai refletir-se na disposição da casa. Da mesma forma que o local de trabalho não se distingue do local de residência; da mesma maneira que o aprendiz não se distingue de um membro da família do mestre artesão, as diferentes funções não encontram dentro de casa um lugar especializado. A cozinha é a mesma sala de jantar, e o quarto de dormir é no mesmo local onde se conversa, ou se recebem as visitas.

Sem a perspectiva do espaço, que iria ser uma das características do traçado barrôco, a ordem medieval realizava-se

plenamente dentro dos limites da muralha e dos seus objetivos. Neste sentido, as ruas tortuosas representavam uma irregularidade funcional. Eram o produto da dominância do orgânico sobre o desenho geométrico. Se a fonte d'água, por exemplo, exigiu a irregularidade geométrica do traçado, a necessidade social tinha prioridade e o plano era feito tendo em vista o conteúdo social. Em nada isso lhe prejudicava a beleza ou a realização das funções. Não possuindo veículos de roda as suas ruas cumpriam perfeitamente seus objetivos, revelando ainda uma vez a interdependência a que nos vimos referindo.

O ponto, porém, em que talvez melhor se revele essa unidade orgânica, é quando focalizamos a questão do ambiente privado. Fortemente possuída de um sentido comunal a cidade, na Idade Média, não possui além do claustro, o ambiente privado. Mesmo o amor realizava-se nas bordas das muralhas ou sob grossos cobertores, em períodos certos, como nos mostram as gravuras que focalizam cenas da vida medieval. As casas eram uma continuação da comunidade. As pessoas, porém, com o "olor de santidade", encontravam no claustro, que já era parte de um outro mundo, o lugar para a reflexão. Ainda na sua derrubada, a cidade medieval espelha a interdependência da estrutura física com a social. O desenvolvimento do comércio internacional, as forças produtivas, que evoluíam dialeticamente no seu próprio seio, criavam um novo espírito, novos valores e ideais que não se coadunavam com o localismo, com as restrições impostas á liberdade de locomoção dos mercadores e com os estreitos limites impostos pela muralha.

A evolução social superara o traçado e a concepção da cidade medieval.

A CIDADE BARRÓCA

Como demonstra fartamente a história da civilização, o trânsito de um período para outro não se faz senão lentamente. Um período de transição em que as tendências não se definem claramente, precede as épocas de cristalização ou de organização. A cidade fielmente reflete esta situação. Conforme Gross as instituições medievais perduraram por muito

tempo, somente se verificando a eclosão da cidade barrôca no século XVII. Nêsse intervalo, porém, a cidade foi espelhando na sua estrutura física a nova ordem social. A centralização do poder, a morte da autonomia municipal, a deificação do soberano expressam-se em vários aspectos da cidade. A aliança entre o déspota e o capitalismo, colocou no primeiro plano o exército e a burocracia. Para as circunvoluções dos soldados construíram-se as avenidas. A classificação de Paládio sôbre as vias da cidade, não deixa dúvida de que a avenida barrôca representava muito mais do que um méro desejo de embelezamento. Qualificando as vias militares, ou sejam as grandes avenidas, como as principais, e as outras destinadas á comunicação como secundárias, Palácio, também como Alberti, anunciavam o sentido da nova ordem, em que a cidade teria o seu traçado subordinado aos prazeres da côrte, às necessidades militares, que eram mais necessidades dos tesouros do rei e do cofre dos financistas.

A transferênça do prestígio da igreja para a côrte determinou um desmembramento do seu tôdo que iria influir bastante na fisionomia da cidade. E' sumamente sedutor acompanhar êsse desmembramento e sua correspondente transformação. As galerias das catedrais viviam agora transbordando de nobres e de homens endinheirados, que passaram a dar ordem aos pintores, ainda, segundo Lewis Mumford, conseguiram, em breve, que as suas fisionomias substituíssem a dos santos, nas novas pinturas.

A sala do capítulo onde se reuniram os membros do clero, teve a sua resposta nos primeiros clubes, onde os homens trocavam ideias e discutiam negócios. O côro transfigurou-se na sala de concertos, o festival religioso no salão onde se realizavam casamentos e em alguns lugares no salão de baile de máscaras. O teatro saiu das portas da igreja e criou-se a casa de espetáculos. Transformação extensiva, porém, foi a da nave na Bôlsa de Valores. Os corretores que enchiam a nave, revelaram a sua maior influência na cidade quando, após o incêndio de Londres, o lugar que coubera antes á catedral de São Paulo, fôra preenchido pelo edificio da Bôlsa.

Essa especialização afetou também o interior da casa. Criou-se o ambiente privado. O quarto isolado apareceu. O sa-

lão de conversação abandonou o "boudoir" das senhoras e ganhou independência.

Por outro lado, os aspectos fundamentais da ordem barrôca — a regularidade, a ideologia mecanicista e o grandioso — marcaram, fortemente, a cidade. A ordem mecânica espelhou-se no traçado regular e simétrico, em que a forma geométrica predominara sobre o conteúdo social. Era isto o retrato dos dois mundos simbolizados pela côrte e pelo povo. Tudo nela simbolizava o poder absoluto. O seu traçado teria naturalmente que atender à satisfação estética da côrte. A avenida reflete o grandioso. A impressão do poder do déspota. Em consequência, pouco importa que ela prejudicasse o desenvolvimento da cidade. Não é sem razão que alguém já definiu o traçado da cidade barrôca como uma proeza geométrica.

Mas, o que melhor revela a interdependência da estrutura física com a social na cidade barrôca é a inexistência no seu plano de um lugar para o trabalho. Uma ordem social em que a côrte era o centro e nessa côrte qualquer coisa para ser realmente autêntica teria que possuir o sêlo da mais absoluta inutilidade, construir fatalmente uma cidade sem preocupações pela função trabalhar.

A CIDADE DO SÉCULO XIX

A revolução industrial e a filosofia individualista criaram uma cidade que era a cópia da nova ordem social. Tódos os seus defeitos e as suas poucas virtudes refletiam inconfundivelmente a nova era em que o lucro individual era o critério de avaliação.

A cidade sem plano, egoista, doente, como tão bem a qualifica Lavedan, era o reflexo de uma estrutura social onde a competição individual e a procura de lucro superara tódos os valores.

A congestão e confluência dos distritos industriais com os residenciais; a sujeira e a imundície, o confinamento dos Slums; a especulação dos terrenos determinando a expulsão

das camadas sociais menos favorecidas para as zonas insalubres e infectas, é o retrato de uma ordem social onde o sucesso econômico é tido como o esforço do homem para satisfazer á divindade.

OUTRAS CIDADES

O período de transição da nossa atual sociedade, revela as diferentes tendências existentes em seu seio. Tendências conservadoras e reacionárias cruzam-se no espaço social com as correntes de ideias mais radicais, influenciando êsse estado de coisas, da mesma forma que nos períodos já analisados, na estrutura física da cidade.

As regulamentações do zoneamento que dirigem a localização das diversas áreas, é o resultado do esforço das correntes progressistas. A reação em favor da subordinação do interesse individual ao bem estar coletivo.

As habitações populares refletem melhor essa interdependência. Significam, como bem ponderou Pierre George, a luta de uma ordem social que sem querer sofrer alterações substanciais em sua estrutura, faz concessões até o ponto em que a mudança não abala seus alicerces.

Dessa forma, o plano da cidade, o traçado das ruas, a casa, da mesma forma que a utilização dos recursos naturais e do meio físico, estão sempre em conexão íntima, profunda com a estrutura social em cada etapa da humanidade.

A CIDADE-ESTADO E A CIDADE-COMUNIDADE INTEGRANTE

DO ESTADO-MODERNO

A Cidade-Estado limita o sentido de pátria ao seu território. Religiosa e militar, sua origem prende-se á necessidade de culto comum ou á necessidade de defêsa. De qualquer sorte êsses dois elementos estão sempre presentes. Um ritual onde punhados de terra da sepultura dos antepassados são colocados sob a área que protege e inicia a cidade, dá o testemunho da influência religiosa na sua origem, influência que Fustel de

Coulanges apontou como a causa predominante na sua origem, e Greca pretende atenuar, afirmando que não se pode esquecer o fator econômico, argumentando que se, pelo fato da existência do culto, podessemos afirmar a predominância do fator religioso, também chegaríamos á conclusão de que dois exércitos se degladiam em virtude de um condicionamento religioso, desde quando são comuns as solenidades religiosas antes das batalhas.

Colocando de lado essa questão de puro gôsto acadêmico, vale salientar o caráter desconfiado, inhóspito e egoista da Cidade-Estado. Ela procura sempre os lugares de mais difícil acesso e os forasteiros são olhados com desconfiança. A necessidade de defesa, a prevenção contra os contactos culturais, prevenção que encontrou em Platão um grande advogado, faziam-na assim.

As relações com as cidades vizinhas eram de modo geral agressivas, oscilando ora para a subordinação, ora para a hegemonia. O ciúme e o zêlo da sua homogeneidade de culto, de costumes e de raças caracterizam, ao lado da influência dos fatores militares e religiosos, a Cidade-Estado.

A comunidade urbana integrante do Estado-Moderno — é essencialmente diferente. Na sua origem predominam os fatores econômicos. Os acidentes geográficos que possibilitam melhores relações econômicas ou melhor produção são escolhidos para o seu berço. Ao contrário da inacessibilidade da Cidade-Estado, ela se oferece e procura atrair o viajante.

No seio do Estado ela é apenas uma parte. Suas relações com as cidades vizinhas são fraternais. No território do Estado, vínculos jurídicos e ideais lhes são comuns.

Em contraposição á unidade de culto ela é o palco de um debate livre. A heterogeneidade é o seu traço fundamental. Deuses surgem e caem diariamente no mosaico cultural que é a Cidade-Moderna. A atitude crítica, o espírito científico é seu galardão. Gente das mais diferentes regiões, das mais diversas raças, com os mais diversos costumes, falando as mais diversas línguas, não poderia elevar tão alto o argumento da autoridade. Daí a morte e o movimento de ídolos e deuses, diariamente.

E' a êsse aspecto fundamental da cidade moderna que Louis Wirth aponta como o determinante do modo de vida específico do urbanismo, e urbanismo aqui é usado no sentido em que o autor o emprega, ou seja como a maneira típica da vida urbana e objeto de estudo do cientista social que faz da cidade o ponto de referência das suas investigações.

Mas, a cidade ao lado daquela função econômica, exerce também, com toda intensidade, uma função cultural. Nela, nos laboratórios dos seus cientistas, nos gabinetes dos seus sábios, através dos mais variados processos de comunicação do pensamento, a civilização progride e o homem sonha com um mundo melhor.